

O ANTI-HERÓI NA LITERATURA DE CORDEL: UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO PROTAGONISTA NOS CORDÉIS *ARTIMANHAS DE JOÃO GRILLO*, DE ARIEVALDO VIANA, E *AS ASTÚCIAS DO FILHO DE JOÃO GRILLO*, DE FRANCISCO MELCHÍADES

Stefanie Cavalcanti de Lima Silva

*Meus versos é como semente
Que nasce arriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obras da criação.*

(Patativa do Assaré)

Introdução

Neste trabalho, iremos realizar uma análise da presença do anti-herói na literatura de cordel, suas características mais peculiares e recorrentes, sua importância para o alcance da comicidade no texto, além de suas origens e influências. O tema foi escolhido tendo em vista a popularidade do cordel em nosso estado – sendo nosso livro um projeto sobre autores cearenses – e a riqueza da personagem João Grilo, que já ilustrou vários cordéis, peças de teatro, minissérie televisiva e cinema.

Realizaremos neste artigo um diálogo entre as obras *Artimanhas de João Grilo* (2017), de Arievaldo Viana, e *As astúcias do filho de João Grilo* (2012), de Francisco Melchíades. Para servir de contraponto a esses textos, e também para demonstrar a origem desse pícaro que surgiu na Europa e desembarcou no Brasil, popularizando-se na literatura e na oralidade de nossa gente, usaremos o cordel *Trapalhadas de Pedro Malazartes passando a perna no rei* (2009), também de autoria de Francisco Melchíades.

O anti-herói, assim como o próprio cordel, atravessou o oceano Atlântico vindo de Portugal para o Brasil e se instalou principalmente no Nordeste brasileiro. A personagem Pedro Malazartes, o típico pícaro¹,

¹ Personagem característica do *romance picaresco*, que vive de ardis e espertezas, procurando obter lucros e vantagens.

sempre astuto, usa de sua esperteza para escapar dos problemas e sobreviver, posto que vive na mais completa pobreza. Sua popularidade na Península Ibérica se repetiu em terras brasileiras, embora superada por uma personagem de igual esperteza – mas de maior malandragem – e astúcia: João Grilo.

Nossa pesquisa realizou-se em torno dessas duas figuras. Ambas apresentam diversos pontos em comum no que tange a seus aspectos físicos e psicológicos, caindo nas graças dos leitores e também nas dos poetas que sempre têm algo a apresentar sobre essas personagens tão ricas de nossa cultura popular. Pedro Malazartes e João Grilo são o retrato do povo sertanejo, povo esse que em toda sua simplicidade sempre tem algo para nos ensinar.

Biografia dos poetas

Arievaldo Viana Lima², filho primogênito do poeta de improviso Francisco Evaldo de Sousa Lima e de Hathane Maria Viana Lima, é poeta popular, ilustrador, radialista e publicitário brasileiro. É o idealizador do projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos, aderido pela Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Canindé - CE e por vários outros municípios brasileiros. Já percorreu diversos estados ministrando oficinas e palestrando sobre Literatura de Cordel. Em 2000, foi nomeado membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Possui uma vasta produção literária e publicou em parceria com os poetas Pedro Paulo Paulino, Jota Batista, Klévisson Viana, Gonzaga Vieira, Zé Maria de Fortaleza, Manoel Monteiro da Silva, Rouxinol do Rinaré e Marco Haurélio.

Em janeiro de 1978, foi residir em casa de parentes em Maracanaú, município da região metropolitana de Fortaleza, para dar sequência aos estudos. Em 1980, passou a morar com os pais na cidade de Canindé. Nos anos 1990, passou a trabalhar em agências publicitárias de Fortaleza. Preocupado com a decadência do folheto de feira, voltou a produzir, inclusive em parceria com Pedro Paulo Paulino e Gonzaga Vieira, ocasião em que publicaram a *Coleção Cancão de Fogo*.

² Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com/2014/11/25/poeta-arievaldo-viana-lima-sintese-biografica/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Ao adaptar *Luzia-Homem* para cordel, Viana adquiriu o primeiro lugar do prêmio Domingos Olympio de Literatura (2002), promovido pela Prefeitura de Sobral e ficou entre os dez primeiros colocados do Concurso de Literatura de Cordel promovido pelo Metrô de São Paulo.

Por sua vez, o poeta e cordelista Francisco Melchíades Araújo³ nasceu em 22 de janeiro de 1951, em Santana do Acaraú, no Estado do Ceará. Um dos mais autênticos poetas populares de nossa terra, constrói seus versos do cotidiano, da rotina, como também busca inspiração em textos poéticos.

Francisco ficou em sexto lugar no Segundo Concurso Paulista de Literatura de Cordel. A arte de Melchíades reúne histórias ficcionais e realísticas, bem características do sertanejo. Os temas variam entre romances, fé, vivência popular e causos rotineiros.

Tem vários cordéis publicados pela Tupynanquim Editora, dentre eles *Artimanhas do fenômeno Chico Pezão*, *O casamento do Coxinha*, *As mais novas de Seu Lunga*, dentre outros. É sócio fundador da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará.

Literatura de Cordel: um panorama

A Literatura de Cordel é um gênero literário composto em versos rimados que trata dos mais diversos temas: política, novelas, futebol, cinema, credices populares e até a própria literatura (com adaptações de textos do cânone universal). Originou-se na Europa com a tradição oral, mas também se difundiu e popularizou-se com a imprensa:

Assim, temos, na Europa toda, uma forte literatura popular, sobretudo em verso. Ela, aos poucos, se ia fixando em determinadas regiões de maior confluência de pessoas. Logo depois da invenção da imprensa – 1450 – já se iniciam as primeiras impressões de poemas populares. (LUYTEN, 2007, p. 36)

A literatura popular, tanto em prosa como em verso, difundiu-se no período da conquista de novas terras e chegou ao Brasil pelas mãos dos portugueses e também dos espanhóis, de acordo com Joseph M. Luyten (2007, p. 34):

³ Biografia consultada nos próprios cordéis do autor.

Embora a prosa esteja muito representada, a poesia, também na Europa, marca muito mais a literatura popular. Desde os primórdios da Idade Média, temos notícias de trovadores e menestrelis vagando de um lugar para outro, cantando as notícias e fatos importantes. Esses incluíam sempre assuntos ligados à Igreja ou à vida dos santos.

A herança da oralidade se perpetuou entre nosso povo e é uma tradição que ainda permanece, mesmo com o advento das tecnologias. Ainda é comum a prática de contação de histórias, principalmente entre o público infantil. A oralidade é o que mantém viva essa chama criativa da literatura popular, bem como a variedade temática, pois todos os dias os jornais estão repletos de conteúdos que podem render versos aos cordelistas.

No cordel metapoético *O que é literatura de cordel?* (2012, p. 01), José João dos Santos⁴ escreve os seguintes versos:

Esta cultura abrangente
Criada pelo poeta
Aonde informa e educa
A quem lê e interpreta
Qualquer setor de cultura
Sem esta Literatura
A cultura é incompleta

Esta cultura tem dado
Informações e ensinoss
As escolas do Nordeste
Para adultos e meninos
Servindo como jornais
Que levam das capitais
Para os sertões nordestinos.

No Brasil, sobretudo no Nordeste, apesar das dificuldades que encontramos no que concerne à quantidade de público leitor, ainda são promovidos eventos – a exemplo da Bienal Internacional do Livro do Ceará – para a propagação de obras de cordel. Livros ainda são lançados – tendo como exemplo dos autores estudados nesse presente artigo que ainda produzem atualmente.

⁴ Mestre Azulão.

Sobre a nomenclatura “literatura de cordel”, o nome, assim como a arte, tomamos por herança:

É da Península Ibérica que vem o nome *literatura de cordel*, pois os livretos eram expostos em lugares públicos, pendurados em barbantes. No Brasil, o costume sempre foi expor os folhetos no chão, sobre folhas de jornal ou dentro de uma mala aberta. Isso permitia ao vendedor poder evadir-se rapidamente quando aparecia algum guarda ou fiscal. Mesmo assim, os estudiosos persistiram no nome literatura de cordel, e, hoje, dificilmente alguém a chama por outro nome. (LUYTEN, 2007, p. 38)

Podemos inquirir que o fato de tal arte ter sido tão difundida em nosso país, sobretudo em nossa região, seja primeiramente por conta da oralidade, pois era de fato com a mesma linguagem que se falava que se fazia a poesia, e pelo custo baixo e a facilidade na produção, o próprio poeta podia imprimir seus folhetos e divulgá-los, sem precisar arcar com os custos de uma editora. O folheto de cordel é reconhecido em qualquer lugar pelas dimensões, pela xilogravura estampada na capa colorida e pelos locais de vendas, que geralmente são feiras e eventos acadêmicos.

O anti-herói João Grilo: um diálogo entre dois cordelistas

De todas as histórias que nossos avós nos contavam e das personagens que ficaram marcadas em nosso imaginário, João Grilo é o que melhor ilustra, e sobremaneira cômica, o sertanejo nordestino: na sua pobreza, não perde o bom humor ou a fé e, na sabedoria, vai sobrevivendo às dificuldades da vida do homem do campo.

Conforme Araújo (1992, p. 05):

Tomamos João Grilo como anti-herói popular típico por considerá-lo o mais característico de uma faixa da população comum ao Nordeste brasileiro, justamente aquele homenzinho amarelo e cheio de treitas, humano e bom, mas astuto, crédulo, mas não confiado, religioso, mas não carola, místico por respeito ao sobrenatural e herança atávica⁵. Espírito envolvente, conversador, ingênuo e puro, com uma forte personalidade que reivindica para si as várias facetas

⁵ Hereditária.

do gênio simples, arguto e inteligente, Grilo desponta dentre os anti-heróis produzidos pela literatura de cordel como aquele intérprete mais diretamente influenciado pelo meio que o engendrou.

As características físicas de João Grilo apresentadas na citação acima bem podem ser dadas ao seu “antecessor” Pedro Malazartes. Analisemos o trecho do cordel *Trapalhadas de Pedro Malazartes passando a perna no rei* (2009, p. 01-02, grifo nosso), de Francisco Melchíades:

Vejam meus caros leitores
Como Malazartes era
Amarelo magro e feio
Igualmente uma pantera
Tinha a cabeça redonda
Que parecia uma esfera.

Tinha o pescoço comprido
E fino como um quiabo
Cérebro cheio de **artimanhas**
E **astúcias** igual o diabo
Malazartes para um cão
Só faltava o chifre e o rabo.

Além das propriedades físicas, Grilo e Malazartes também se aproximam no que tange ao psicológico, e isso não acontece ao acaso, pois, como já afirmamos anteriormente, o Grilo é uma – se é que podemos chamar – versão brasileira de Pedro Malazartes, sendo nosso Grilo mais astuto.

No cordel *Trapalhadas de Pedro Malazartes passando a perna no rei* (2009, p. 02), de Francisco Melchíades, encontramos a seguinte estrofe:

Malazartes do seu berço
Já trouxe o péssimo destino
De ser mal igual João Grilo
Outro moleque traquino
Que também foi um fenômeno
Desde quando era menino.

Sobre essa relação entre as duas personagens, escreveu também Arievaldo Viana em seu cordel *Artimanhas de João Grilo* (2017, p. 02):

Foi um quengo muito fino
Legítimo cabra da peste
Existiu outro na Europa
Esse viveu no Nordeste
O de lá era um lesado
O daqui era um danado
E não há quem me conteste

O João Grilo português
Meteu-se a decifrador
Rei das adivinhações
E só saiu vencedor
Devido um golpe de sorte
Assim escapou da morte
Recebendo algum louvor

O anti-herói é facilmente reconhecido, seja na literatura, no cinema ou no teatro; suas características são bem demarcadas e percebidas rapidamente, principalmente em confronto com o herói. “O malandro, como o pícaro, é uma espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores” (CANDIDO, 1970, p. 15). O herói é a utopia, é admirado por ser inalcançável, é o sonho, a expectativa; já o anti-herói é aquele que todos conhecem, todos contam um caso do Grilo ou do Malazartes como se tivesse acontecido com um tio ou com um irmão, o anti-herói é possível, é real, é o “jeitinho brasileiro”.

Inteligente desde o berço, o Grilo não pode ser enganado. Na escola, era mais esperto que a professora e que o diretor, não havia pergunta que ele não soubesse responder, chegando ao extremo de ser desafiado pela professora que já estava aborrecida com a sabedoria de João (LIMA, 2017, p. 05-06):

Com sete anos João Grilo
Deu mostras do seu saber
Pegando papel e lápis
Foi para escola aprender
Com cinco meses de estudo
João Grilo sabia tudo
Ler, calcular e escrever

Todo mundo admirou-se
Do amarelinho sabido
João Grilo sabendo disso
Quis logo ser promovido
Passar para o Ensino Médio
E após um ano de tédio
Ver o curso concluído

[...]

Ao diretor do colégio
O menino foi levado
Era um caso extraordinário
Que logo foi comentado
Química, física, biologia,
História, geografia
De tudo estava inteirado.

Desde a infância, o Grilo já não respeita a posição hierárquica do ambiente onde está inserido. É assim quando ludibria o diretor da escola ou o sacristão da Igreja, ele sempre faz com que a situação fique a seu favor. João não pode ser derrotado; contudo, isso não é fruto da boa sorte, mas de sua perspicácia. Sempre precisando tirar vantagem da situação para não morrer de fome, essa é a realidade do Grilo faminto no seco sertão nordestino.

Certa feita, o Grilo ouviu alguns cangaceiros conversando sobre um dinheiro e citando o local do esconderijo. João logo tratou de armar um plano para enganar os “cabras” e ficar com o dinheiro. Como podemos imaginar, ele saiu vitorioso e arquitetou com cuidado uma maneira de não sofrer o mesmo que havia feito àqueles homens (LIMA, 2017, p. 17):

João Grilo disse: – Ladrão
Comigo vira calouro!
Trazia um velho jumento
E nele botou o ouro,
O jegue saiu danado
Com João Grilo escanchado
Levando o rico tesouro.

João Grilo era prevenido
E naquela ocasião
Esconde o seu tesouro
Numa saca de carvão
Na cinta pôs uma espada
Temendo uma emboscada
De fera ou algum ladrão.

O anti-herói é uma personagem que se movimenta em diversos nichos sociais: se Pedro Malazartes já conversou com sultões, João Grilo conversou com reis e assim por diante. Com sabedoria, seguem subvertendo a hierarquia social e usando a sagacidade como arma, tanto para se defender como para atacar. De acordo com Jorge de Souza Araújo (1992, p. 07),

[o]s anti-heróis dos folhetos, reflexos de uma massa numerosa e anônima, produzidos e consumidos numa extensa faixa geográfica que vai do Pará à Bahia, são, por isso mesmo, simples, despojados de faustos⁶, mas detentores de uma argúcia e inteligência fora do comum. Manifestam-se em consequência, sobretudo no logro ao patrão, às autoridades, à polícia, aos poderosos e à pequena burguesia urbana do interior. Subvertendo a realidade referencial ou lógica, desestruturam edifícios sociais e arrogâncias políticas e derrubam preconceitos, subtraindo poderes aos muito ricos e levando ao ridículo os sistemas de riqueza indiscriminada, latifundiária e exploradora.

Munido de solércia, o anti-herói sabe entrar e sair de qualquer ambiente, não se envergonha em nenhuma roda de conversa, não é humilhado; pelo contrário, é exaltado pelos nobres porque em vários momentos resolve questões que antes pareciam sem solução.

⁶ Luxos.

No cordel *As astúcias do filho de João Grilo* (2012, p. 01-02), Francisco Melchíades nos apresenta o filho de João Grilo, nascido de uma “mulher perigosa” – palavras do poeta. O menino segue os mesmos passos do pai, porém sem a mesma inteligência.

Porém pouca gente sabe
Que João Grilo se casou
E que sua amada esposa
Com nove meses ganhou
Um filhinho encapetado
Que até o cão enganou.

E pelo o visto o menino
Teve razão de nascer
Um pestinha encapetado
E travesso pra valer
Porque seus pais também eram
Ossos duros de roer.

Contudo, podemos argumentar que o filho do Grilo não carrega consigo os estigmas do anti-herói apenas por ser filho de quem é, mas por ter sido submetido às mesmas agruras e dificuldades da vida sertaneja, ficando órfão quando criança e tendo que aprender a usar dos artifícios de “ser um Grilo” para sobreviver aos infortúnios da vida.

O menino não tem nome no cordel de Melchíades, é chamado de “pestinha” no decorrer de toda a história e seus atos passam de chistes a roubos. O filho do Grilo é um ladrão, o que nos leva a não ter com ele a mesma simpatia que dedicamos ao próprio João ou ao Pedro Malazartes. O “pestinha” não demonstra a mesma perspicácia do pai, mas apenas uma esperteza usada para tirar vantagem de quem – hierarquicamente – está no mesmo patamar que ele (MELCHÍADES, 2012, p. 06):

Num certo dia o pestinha
Encontrou um amiguinho
Debaixo de uma mangueira
De olho atento num ninho
Na intenção de roubar
Os ovos do passarinho.

E disse para o pestinha
Quero uma aposta fazer
A qual é roubar os ovos
Sem o passarinho ver
Quem não conseguir por certo
Toda a grana irá perder.

Ao final do texto, o filho de João consegue enganar o cão⁷, elevando o *status* de suas traquinagens para o nível do sobrenatural. Não estamos mais falando apenas de coronéis ou reis, mas do próprio capeta que – com toda a fama de astuto – não conseguiu escapar dos planos do “pestinha” (MELCHÍADES, 2012, p. 15):

Quando a macaxeira estava
No ponto de ser arrancada
O pestinha diz para o cão
Agora meu camarada
Prefere a parte de cima
Ou a que está enterrada?

O cão muito ambicioso
Rapidinho respondeu
Eu quero a parte de cima
O que tem embaixo é seu
Pestinha disse: Então colha
Sua parte que escolheu

Logo o cão cortou os pés
De macaxeira sozinha
Porém não serviu pra nada
Já o travesso pestinha
Comeu tanta macaxeira
E deu para quem não tinha.

João Grilo também enfrentou e venceu o cão (tal possibilidade se encontra no Ciclo do Demônio Logrado, no qual o diabo pode ser vencido pela astúcia de seu oponente ou por uma invocação religiosa)⁸ em *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna: durante o julgamento divino, após sua morte, ele consegue se livrar da condenação e volta para a terra tendo

⁷ Diabo.

⁸ Cf. CASCUDO, 2013.

direito a uma segunda chance para consertar sua vida. Na alegação em defesa de João, a *Compadecida* afirma (SUASSUNA, 1975, p. 142): “João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa.” Tal afirmação corrobora nosso argumento de que o *status* social condiciona o anti-herói – principalmente personificado em João Grilo – a fazer uso da esperteza como um instrumento de sobrevivência.

Considerações finais

Averiguamos em nossa pesquisa que, diante da grande aceitação da Literatura de Cordel em nossa cultura – como nossa, referimo-nos ao povo nordestino, sobretudo o cearense – está, dentre muitos motivos, o espelho, é na linguagem popular, na rima, no verso sertanejo, no cenário do sertão que o povo se reconhece.

Se bem compreendemos a subvida nordestina, é fácil justificar o porquê da proliferação desses heróis. Eles são plenamente reconhecíveis no seio da massa anônima do Nordeste, daqueles eternos flagelados, assumidos na teimosia de viver, apesar de todos os contrários. O espírito picaresco, cheio de humor e malícia, disposto a rir até de si mesmo, faz parte da identidade psicológica do homem comum da região. (ARAÚJO, 1992, p. 08)

O anti-herói é um sobrevivente. Mesmo diante de todas as dificuldades, ele sobrevive; contra todas as circunstâncias, ele persevera e, se o herói conta sempre com a boa sorte em seu caminho, o anti-herói do cordel constrói sua fortuna contornando obstáculos e superando as dificuldades.

Ressaltamos, ao fim de nosso trabalho, a respeito da importância de manter o diálogo sobre nossa cultura, nossa literatura, nossos poetas, tendo em vista a dimensão tecnológica que vem dominando todos os espaços, inclusive os de leitura. Findamos aqui com versos de José Antônio dos Santos (2007, p. 23)⁹:

⁹ SANTOS (2007).

Tem o cordel se moldado
Buscando sobreviver
E os poetas divulgam
O seu cordel pra vender
Na rede da internet
Pra tradição não morrer.

Referências

- ARAÚJO, Francisco Melchíades. **As astúcias do filho de João Grilo**. 2. ed. Editora Cordel: Mossoró, 2012.
- _____. **Trapalhadas de Pedro Malazartes passando a perna no rei**. Tupynamquim Editora: Fortaleza, 2009.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. João Grilo: síntese e transparência do anti-herói popular. **Sitientibus**, Feira de Santana, 6 (9), jan./jun.1992.
- CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem**. 8. ed. São Paulo: USP, 1970.
- CASCUDO, Luis de Câmara. **Contos tradicionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- LIMA, Arievaldo Viana. **Artimanhas de João Grilo**. Cordelaria Flor da Serra: Fortaleza, 2017.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura de Cordel**. Editora Brasiliense: São Paulo, 2007.
- SANTOS, José Antônio dos. **História da Literatura de Cordel**. Tupynamquim Editora: Fortaleza, 2007.
- SANTOS, José João dos (Mestre Azulão). **O que é Literatura de Cordel?** Tupynamquim Editora: Fortaleza, 2012.
- SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 11. ed. Livraria AGIR Editora: Rio de Janeiro, 1975.